2.º Anno | Lisboa, 3 de Maio de 1886 | Numero 42

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Extinguiram-se os ultimos canticos da Resurreição, e com elles as ultimas orações dos crentes, os derradeiros alentos d'esta retardataria primavera catholica. Fóra dos templos do Senhor, tudo sorri alegremente. A humanidade, cansada de pôr olhos lacrimosos na imagem sanguinolenta e tristonha do Christo, respira a plenos pulmões, sente como que um bem estar dulcissimo, depois d'uma longa e esmagadora agonia.

Aos gemidos de dôr afflictiva, soltados em sexta feira santa, succederam-se as alegrias intensas da Paschoa festiva e da Paschoela sorridente. Pelas amplas portas semicerradas das egrejas não se veem já negrejar os crepes luctuosos da

FRANCISCO ORTIZ

Paixão do Nazareno. Sob a luz suave dos cyrios bentos, brilha, em todo o seu esplendor, a cruz redemptora do mundo, erguendo-se magestosamente no meio d'um estendal de rosas e de lyrios.

Tem um não sei quê de commovedor e poetico esta quadra que expirou ha dias. Embora se apresente sempre invariavel no seu perpassar periodico, trazendonos as mesmas harmonias plangentes do orgão, os mesmos hossanas, as mesmas festividades prescriptas pela lithurgia canonica, em que milhares de almas devotas, se curvam diante do Martyr exangue, offerecendo á fé christã a homenagem d'uma observancia fiel, nem por isso deixa de impressionar profundamente os corações bons e honestos, aquelles que se formaram embalados pelas crenças do dever e da virtude.

A Semana Santa é como que um poema de lagrimas e sorrisos, dado a ler, pela Egreja, a quem fôr susceptivel de derramar prantos e de sentir dentro d'alma jubilos sinceros. Os que não quizerem lel-o em todas as suas paginas grandiosas e eloquentes, estão mortos para tudo quanto seja nobre e justo; não podem já desfazer no espirito os gelos da descrença bestial e aniquiladora; transformaram-se n'uma pouca de materia inerte, alheia ás vibrações intensas do sentimento humano.

Parece que a contemplação do Christo macerado, com a fronte serena gottejando sangue, desperta em nós uma sensibilidade quasi embotada pelos vicios mundanos, como o espectaculo formidavel e soberbo da Alleluia ruidosa accorda nas nossas almas taciturnas uma alegria estranha e desusada.

Durante o anno inteiro, nunca dos nossos labios brotaram sorrisos tão francos e luminosos como aquelles que o domingo de Paschoa desafia, com os hymnos festivos da Egreja; com os trajes garridos do povo; com o tilintar dos sinos brincalhões, e com o doce prazer dos jantares em familia, movimentados e irrequietos, d'aquelles pequeninos banquetes muito intimos e muito singelos, em que os filhos em férias e os parentes velhos se reunem á mesma meza, radiantes de felicidade, vendo o lar como um palmito, todo elle flores, aspirando soffregamente os perfumes appetitosos que se evolam da cosinha adornada com festões de louro, saboreando o champagne das grandes solemnidades, que espuma das taças crystalinas, a desafiar brindes enthusiasticos.

Como tudo isso é bom, encantador e hilariante! Como essas festas tradicionaes, a que nós assistimos, creanças descuidosas, e que hoje celebramos, homens pensadores, evocando as recordações d'um passado extincto, fazem pensar as nossas irmãs ou as nossas filhas na quadra dos casamentos que renasce, palpitar muitos corações que se amam, acariciar muita esperança côr de rosa, que se enflora!...

D'esta vez, porém, o domingo de Paschoa não teve a illuminal-o cariciosamente o sol radioso e bello das manhãs d'abril. Não o enxergámos logo de madrugada, como em annos preteritos, todo envaidecido e brilhante, coando-se pelas frinchas das janellas do nosso quarto, a dizer-nos, n'uma saudação jovial de bom camarada: —Levanta-te, mandrião! E' duas vezes dia de festa hoje; vem respirar na aragem tepida os perfumes da Primavera que recomeça, e saudar, no incenso evolado dos templos, o homem Deus que resuscita.

Faltou o sol, e o ceu, côr de chumbo velho, chorou cá para baixo umas lagrimas muito frias, sobre a multidão endomingada, que se acotovelava nas ruas da Baixa em peregrinação pelas egrejas, e sobre as cabeças gentis das creancinhas, que saltitavam como anjos, pelo asphalto, avidas de *bonbons* e de luz, das claridades celestes e dos sorrisos da Natureza entristecida.

Dir-se-hia que o sol fugira apavorado, diante dos monstruosos crimes commettidos no territorio da peninsula, negando-se a illuminar os quadros sangrentos do largo do Mitello, de Torres Vedras e da cathedral madrilena. Parece que o ceu, condoído lá no intimo, de contemplar aquellas medonhas tragedias, não podera furtar-se á expansão das suas magoas, pranteando comnosco os horrendos successos occorridos dentro e fóra do paiz, exactamente no proprio dia em que a Egreja relembrava o sinistro drama do Calvario, e o povo, curvado aos pés do Christo cadaverico e livido, se entregava á meditação e ao recolhimento.

E' sobejamente conhecida a historia d'aquelles tres crimes hediondos. A imprensa tem cuidado de a relatar, ao sabor da fanthasia dos *reporters*, encastellando promenores sobre promenores, arriscando conjecturas sobre conjecturas; mas a verdade inteira não poude apurar-se ainda, apesar de todas as discussões e de todas as pesquizas. Conserva-se por saber se o punhal que assassinou o bispo de Madrid foi brandido pela mão d'um mentecapto irresponsavel ou d'um criminoso consciente; ignora-se o que levou Marinho da Cruz a cevar-se no sangue do malogrado Antonio Candido Pereira, como uma besta feroz e raivosa; e ninguem disse ainda ao certo se os bandidos que esfaquearam o empreiteiro Abel Marty fôram guiados pela ideia do roubo. O que se sabe é que as tres victimas cahiram sob as armas traiçoeiros dos seus algozes, para nunca mais se levantarem, uma no fastigio das honrarias sacerdotaes, vestindo a purpura dos principes da Egreja; outra em pleno desabrochar da mocidade, aureolada pelos fulgores d'uma intelligencia promettedora; outra, emfim, quando labutava energica e honradamente na sua faina d'empreiteiro de caminhos de ferro, buscando no trabalho honesto o sustento d'uma familia hoje sem arrimo. Sabe-se isto, e isto bastava para que a justiça vibrasse, sem escrupulos de qualquer genero, o seu gladio sobre as cabeças dos assassinos covardes.

Mas a justiça dá-lhe, de quando em vez, para ser clemente. Esquece os mortos, que não fallam, e lembra-se apenas dos vivos, que supplicam e lagrimejam.

Amanhã, votar-se-ha o pobre assassinado do largo do Mitello ao esquecimento que ensombra o cadaver do misero capitão Martins, e a medicina legal, mancommunada com as justiças militares d'esta boa terra portugueza, n'um amplexo de caridade piégas, inventará, para uso do alferes Marinho da Cruz, uma loucura providencial e accommodaticia, que lhe permitta jogar muito socegadamente o bilhar em Rilhafolles, de parceria com Rocha Freitas, outro assassino de charlateiras e banda, *endoidecido* pela commiseração.

Dizia um jornalista italiano que o famoso Garibaldi foi um heroe inventado pela imprensa do paiz a seis soldos por linha.

Aqui, quando não se inventam heroes e genios por esse preço, inventam-se loucos a menos de real. E o publico ingenuo acredita!...

Para nos desnortear dos negros pensamentes que estes casos suscitaram, houve ahi, pela semana fóra, a exhibição alegre da *Ponte dos suspiros* na Trindade; a inauguração serodia do *Monumento aos Restauradores*, na Avenida, com discursos soporiferos á mistura; a estreia da Chassaing e do Dupuis em S. Carlos; a febre dos preparativos para as festas do casamento do herdeiro da Corôa, que promettem ser d'um brilhantismo desusado e nunca visto; e a graciosissima carta do nosso illustrado camarada e bom amigo, Luiz Palmeirim, publicada na imprensa, a proposito do opusculo *A Restauração de Portugal*, mandado inquisitorialmente recolher pela Commissão Central 1.º de Dezembro.

Fallar-te-hei d'esta notavel carta e d'este curioso assumpto na proxima Chronica, mas não me peças que te falle do melodrama do sr. Miguel Osorio. Horror!

C. Dantas.

RECORDAÇÕES DE UM JORNALISTA

AINDA A «GAZETA DE PORTUGAL»

Depois de ter vivido mais de um anno na rua da Cruz de Pau, a *Gazeta de Portugal* passou a estabelecer os seus penates no largo de S. Carlos. Antonio Augusto fizera não sei que contracto com os srs. Alves de Sousa, e d'ahi resultou montar um estabelecimento typographico importante, augmentar muitissimo o formato da *Gazeta de Portugal* e lançar-se a plenas velas n'uns sonhos de riqueza e de poder.

N'esse tempo apparecera em França o *Grand Journal*, e a mania de toda a imprensa européa era o grande formato. Teixeira de Vasconcellos, apezar de ser um jornalista de primeira ordem, illudiu-se como todos os outros, e entendeu que podia acclimatar entre nós o *Grande Jornal*, que afinal de contas nem em França prosperou.

A illusão estava simplesmente no seguinte: imaginar que os povos néo-latinos se regem pelos mesmos principios que regem os povos da raça germanica.

O inglez lê o seu jornal, e mais nada: mergulha-se na sua leitura, gosta do *Times* com as suas dezeseis paginas e as suas oitenta columnas, exactamente como gosta do pesado *plum-pudding* e dos montes de carneiro.

Lê tudo aquillo conscienciosamente, de principio até ao fim: os *leading articles*, as immensas correspondencias telegraphicas, e as immensas noticias da policia e dos tribunaes em typo microscopico, e as longas columnas de annuncios, e as secções consagradas ao *cricket*, ao *sporting intelligence* e os preços correntes e os *Produce markets*, e, à noite, quando se vae deitar, ainda procura conscienciosamente os fundos de columnas, para ver se ainda encontra por lá algum *paragraph* cuidadosamente escondido.

O *Times* não tem romance, não tem folhetim, o que o não impede de ter centenas de milhares de leitores. Todos os outros jornaes inglezes se pautam por este typo supremo; são mais pequenos, mais resumidos, mas é a mesma a distribuição das materias, exactamente egual a apparencia. Cada um lá tem os seus fieis, que não lêem senão o seu jornal, e que precisam encontrar alli tudo quanto possa interessal-os.

Os povos de raça latina não são assim.

Da mesma forma que um *menu* francez em nada se parece com um *menu* inglez, assim tambem um jornal francez tem forçadamente uns moldes muito diversos do jornal inglez.

O Francez lê tudo quanto lhe apparece, o jornal do seu partido e o jornal do adversario, precisa do romance, da anecdota e quer que o jornal tenha um aspecto muito ligeiro. Tudo o que pareça massada o aterra, e diz com *La Fontaine*, uma das expressões mais perfeitas do espirito gaulez.

Les longs ouvrages me fontpeur

Os fundadores do *Grand journal* commettiam pois em França um erro crasso que amargaram, e não o commettia menor Teixeira de Vasconcellos, querendo explorar entre nós a mesma idéa.

A *Gazeta de Portugal* era na verdade um jornal excellente, mas era um jornal fatigador.

Eu fôra encarregado de fazer, além do folhetim, uma secção litteraria, e Osorio de Vasconcellos uma secção scientifica. Miguel de Bulhões, que já nos acompanhára na rua da Cruz de Pau, tratava, com a sua alta competencia especial os assumptos economicos, e Marianno de Carvalho borboleteava aqui e acolá, fazendo um artigo politico, floreando uma noticia, incumbido nem sei bem de que. Era um dos inconvenientes d'aquelle immenso jornal. Teixeira de Vasconcellos tinha o seu gabinete de redactor em chefe, os outros trabalhavam cada um para o seu lado. Perdera-se a intimidade d'aquella redacção da Cruz de Pau, em que havia uma meza para todos, em que todos collaboravam, rindo alegremente, n'umas secções que Teixeira de Vasconcellos inventava, em que se fabricavam correspondencias vindas das cinco partes do mundo, em que se inventavam para a secção de *Variedades* as mais extraordinarias phantasias.

Com a divisão do trabalho, o jornal esfriara. Não havia o calor communicativo da collaboração em commum. Depois, a immensidade do jornal fazia com que involuntariamente se fizesse render o trabalho. Estendiam-se os artigos, e por conseguinte mettia-se palhada, como se diz em giria jornalistica. Em jornalismo póde acceitar-se como verdadeiro o seguinte aphorismo:

«Todo e qualquer jornal, em cuja meza de redacção não fique, por não haver espaço, original bastante para dois dias, é um jornal mal feito.»

Perdera-se tambem um pouco aquella fraternidade trabalhadora da rua da Cruz de Pau. Teixeira de Vasconcellos isolava-se, tomava uns certos ares authoritarios a que era um pouco atreito. D'ahi surgiram uns pequenos conflictos.

Uma vez, Teixeira de Vasconcellos, n'um folhetim que eu escrevera a respeito da noite de S. João, achando que havia um trecho um pouco chinfrim menos respeitador das crenças catholicas, foi ao folhetim, e muito serenamente, na minha ausencia, cortou esse trecho e substituiu-o por outro da sua lavra.

Achei o proceder um pouco desceremonioso demais. Teixeira de Vasconcellos era meu mestre, fôra meu iniciador litterario, mas emfim, quem assignava o folhetim era eu, e, se estava disposto a acceitar todas as emendas que Teixeira de Vasconcellos julgasse vantajosas, achava um pouco estranho que elle as fizesse sem esperar que eu as acceitasse.

Por causa da noite de S. João tivemos portanto um pequeno conflicto, se conflicto se póde chamar a uma discussão um pouco mais viva. Osorio de Vasconcellos tambem de quando em quando se azedava. Aquelle grande jornal não caminhava com o passo certo, com que o pequeno jornal caminhava entre os applausos do publico

Um dia a proposito dos *Caturras* de Victorien Sardou, traduzidos por Latino Coelho, escrevi eu um folhetim que invadia um pouco as attribuições da politica. Não era a primeira vez, devo confessal-o, que eu fazia assim umas pequenas excursões a um campo que realmente me devia ser defezo. Supponho que Teixeira de Vasconcellos nem sempre gostára d'isso, mas tivera a delicadeza de nunca me dizer coisa alguma. E não posso sequer asseverar que uma ou outra allusão politica da minha musa travessa de folhetinista estivesse sempre de accordo com a direcção que Teixeira de Vasconcellos imprimia ao jornal. Eu pouco entendia de politica partidaria n'esse tempo. Teixeira de Vasconcellos fizera com o jornal uma evolução que eu não comprehendia bem, nem tratava de comprehender. Encarando a politica apenas por esse lado comico, é bem possivel que uma ou outra setta do meu carcaz fosse ferir algum personagem politico, que Teixeira de Vasconcellos entendia n'esse momento dever poupar. Se assim foi, Teixeira de Vasconcellos nunca m'o disse, mas não lhe era agradavel—soube-o depois—que eu désse assim, uma ou outra vez, uma saltada fora do campo litterario que me estava reservado.

O meu folhetim a respeito dos *Caturras* visava o segundo imperio. Achava um pouco estranho que Victorien Sardou, em pleno triumpho imperialista, fizesse a caricatura da opposição, e da opposição respeitavel, pela firme adhesão aos seus principios. Achar comico e ridiculo que um marquez vendéano, e um antigo cirurgião militar do exercito do Rheno se conservassem intransigentemente um legitimista e outro republicano, quando lhes bastava dirigirem um sorriso ao segundo imperio para terem todos os favores e todas as alegrias do poder, era um pouco forte. O folhetim produziu um certo effeito. Estava pelo menos escripto com sinceridade e calor.

No dia seguinte Antonio Augusto escreveu-me uma carta muito delicada e muito cortez, dizendo-me que as nossas idéas politicas divergiam bastante, e que, tendo elle sempre sido imperialista em França, não podia consentir que no seu jornal se combatesse a politica de Napoleão III. Respondi lhe cordealmente que sentia que se désse entre nós essa divergencia, mas que, não podendo deixar de manter a liberdade da minha penna, lhe pedia licença para me retirar da *Gazeta de Portugal*, sem me esquecer nunca do modo generoso e benevolo como sempre ali fôra acolhida a minha prosa Na replica Teixeira de Vasconcellos acceitava com muito pezar, segundo elle dizia, a minha demissão, e communicava-a aos leitores do seu jornal em phrases extremamente amaveis para o seu ex-collaborador.

Espraiei-me um pouco mais n'esta narrativa, porque esse pequeno facto originou varias calumnias para juntar ás muitas de que Teixeira de Vasconcellos foi victima. Disse-se que o nosso eminente jornalista recebia um subsidio de Napoleão III, etc., etc. Importava-se bem Napoleão III com o meu applauso ou a minha critica! Nunca o imperador soube que existia n'um canto da Europa um folhetinista de vinte annos, que não sympathisava com elle. Teixeira de Vasconcellos bem sabia que o meu folhetim nem na legação de França fôra lido, ou, se fôra lido, não incommodára ninguem, mas aproveitou, e muito bem, o ensejo que eu lhe offerecia para cortar os meus vôos politicos. Atraz de um folhetim sobre politica externa, podia vir um folhetim sobre politica interna, e Antonio Augusto entendeu que devia pôr termo a essa anarchia.

Em vez de esfriarem por esse facto as nossas relações, tornaram-se mil vezes mais affectuosas, desde o momento que deixaram de existir entre nós essas ligações jornalisticas, de que se derivavam alguns attritos.

Substituiu-me no folhetim da *Gazeta de Portugal* o meu velho amigo Xavier da Cunha, que adoptou o pseudonymo de Olympio de Freitas. Eu, convidado pelo sr. Luiz de Almeida e Albuquerque, no dia seguinte áquelle em que saí da *Gazeta de Portugal*, entrei no *Jornal do Commercio*.

PINHEIRO CHAGAS.

A FLOR DE PECEGUEIRO

A melindrosa flor de pecegueiro
deixei-a, como dádiva d'amores,

a essa que tem rosto feiticeiro
e os labios côr das purpurinas flores.

Prendi uma andorinha, e com discretas
fallas deixei a timida avesinha
a essa que tem as sobrancelhas pretas
eguaes ás duas azas da andorinha.

Estava no outro dia a flor pendida,
e a ave em liberdade esvoaçava
sobre a azulea montanha humedecida,
onde o Genio das flores habitava.

Mas nos seus labios, como a flôr abrindo,
conserva a mesma rosea carnação,
e não voaram, pelo azul fugindo,
as azas negras dos seus olhos, não!...

(Do *Livro de Jade*).

ANTONIO FEIJÓ.

OS PARDAES...

Quando em Portugal se principiou a *fazer nobreza* á quinta feira, dando-lhe por arvore genealogica o *Diario do Governo*, ser barão foi distincto, e hoje parece voltarmos a esse tempo, graças á torrente diluviosa dos viscondes e dos condes, em que os barões, *rari nantes*, emergem formando um pequeno grupo de doze... ou quando muito de treze, como a *duzia dos frades*.

O barão da Silveira foi dos primeiros que sahiram da chancella liberal, atrambolhados ao seu appellido de familia, porque, nos primeiros tempos, houve ao menos o pudor de procurar um bom appellido para colchete da um titulo. Agora, como se sabe, armam-se os titulos nas ruas, como os nichos de Santo Antonio.

O barão da Silveira era um morgado da Beira Baixa, bem posto, alto, elegante, muito correcto de maneiras e de toilette, tendo uns bellos bigodes brancos encalamistrados, e uns olhos de uma expressão insinuante, que se ia apagando com a velhice como a luz de uma lampada longo tempo accesa.

O barão gastara-se, tivera a sua vida de aventuras, correra mundo, viajára pela Europa, e fizera grandes temporadas em Pariz,—essa grande fornalha de prazeres, que consome a vida como um combustivel

Quando elle voltara a Portugal, diziam as mulheres que Lisboa só tinha dois homens bonitos: o duque de Loulé e o barão da Silveira.

E, comquanto seja muito difficil saber ao certo o que seja para as mulheres um homem bonito, elle e o duque eram realmente dois homens pelo menos distinctos.

Pela nossa parte pendemos a crêr que a distincção é a formosura do homem.

N'aquelle tempo, o duello era alguma coisa de serio; por isso mesmo, não era vulgar. O barão batera-se duas vezes, e ambas á pistola, sempre por causa de mulheres.

Da primeira vez, com o ministro de Inglaterra então residente em Lisboa. As balas perderam-se no ar, e o ministro sahiu de Portugal logo depois do duello.

Da segunda vez, com um capitão de cavallaria, a quem mettera uma bala no braço esquerdo.

Dizia-se que tanto de uma como de outra vez, o barão quizera ser generoso na pontaria: da primeira, poupando a vida do ministro inglez; da segunda, apontando ao braço do adversario quando poderia haver-lhe acertado no coração.

Mas o barão entendia que não era preciso muito sangue para lavar a honra de uma mulher, e que um duello fatal era de mais a mais um grande desastre amoroso para o vencedor.

—Sabendo que a gente lhe mata o pae de seus filhos, dizia o barão, uma mulher acautela-se para não passar pela semsaboria de ficar viuva.

E acrescentava:

—O sangue é como um acido que ataca uma nodoa, não tanto pela quantidade, coma pela acção chimica. Ora toda a força activa do duello está na coragem do offendido e do offensor. Querer praticar um homicidio é o mesmo qne pretender lavar uma renda de Malines n'uma barrella: a reputação da mulher é uma renda delicada, que o muito sabão estraga quasi tanto como a nodoa.

N'esta opinião excentrica do barão havia um certo fundo de bom senso.

A mulher, que tivesse proporcionado a seu marido um duello de morte, lançaria sobre si mesma um labeo eterno.

—Mas por que se bate então á pistola? perguntavam-lhe.

Elle respondia:

—Em primeira logar, é o offendido que escolhe a arma. Em segundo logar, como eu sou solteiro, a minha morte, podendo servir de thema ao maridos ultrajados, pode tambem contribuir para a rehabilitação de uma mulher,—em vez de servir apenas para perpetuar a sua deshonra com a viuvez.

Comquanto os olhos do barão fossem perdendo de anno para anno uma parcella do seu antigo brilho, elle continuava a ser para as mulheres um homem bonito. A brancura do bigode accentuava-se á medida que o olhar empallidecia,—produzindo até certo ponto, na sua physionomia, um effeito compensador.

Mas o porte fidalgo, a distincção de maneiras, a elegancia da *linha*, como hoje dizemos, zombava do tempo.

No exterior o barão poderia muito bem continuar a parecer novo, mas por dentro, elle bem o sabia, estava velho, exhausto.

Oh! estava muito velho, por dentro!

Isto entristecia-o, pesava-lhe mortalmente o encargo de sobreviver a si mesmo.

—Viver de recordações, dizia elle, é para um homem do mundo o mesmo que para um glutão o viver apenas de vegetaes —como os grillos.

Mas, no amor, o barão estava condemnado a viver apenas de recordações.

—O que faz, barão?

—Ah! o que faço?! Estrago a minha reputação.

E, se lhe puxavam pela lingua:

—Ha duas coisas que as mulheres contam sempre umas ás outras: são as heroicidades e as fraquezas dos homens. Mas nas fraquezas não descontam nunca as heroicidades. Sublinham-n'as, em toda a parte onde nos encontram, com um risinho p rcuciente como um punhal de Toledo, e que se propaga, de confidencia em confidencia, como um rastilho inflammado. Só conheço uma coisa peior do que o sorriso despeitado das mulheres,—é a confiança absoluta dos maridos. Pois a verdade é esta, meu amigo, os maridos já principiam a confiar em mim.

O auditorio do barão ria, e elle replicava:

—Riam, riam, mas conservem-se.

A sua alimentação era forte, acirrante. Os mariscos predominavam. A sua hygiene era rigorosa: todas as manhãs tomava um banho de agua fria, que ficava durante a noite exposta ao ar, no deposito;—muito fria.

Mas apesar de todos estes cuidados incessantes, a velhice accentuava-se... por dentro, o barão reconhecia-se velho, o *cabide de uma sobrecasaca hypocrita*, dizia elle.

Na sua casa ao Salitre, as gravuras pornographicas eram estimulos perdidos,—como para os pintores desastrados os quadros de Raphael.

Havia um quadro, *Cleopatra e Antonio*, de que elle dizia muitas vezes:

—Tenho aqui este *Raphael* que me faz chorar. E' o unico prestimo que tem na minha casa.

E atirando ao ar uma nuvem de fumo do charuto, via-a rasgar-se em pequeninos flocos azues, que se dispersavam no ar como outras tantas recordações dos seus tempos ditosos.

Depois de almoço, olhando para os telhados visinhos, onde os passaros saltitavam por entre as hervagens que verdejavam sobre as telhas, dizia elle de si para comsigo:

—E' singular! Passa um dia e outro e outro!... Nem uma carta,—nem ao menos uma bala!

Uma manhã—era no fim de março—o barão, bem posto na sua *robe-de-chambre*, de charuto ao canto da bocca, aproximára-se da janella.

Lá estavam nos telhados visinhos os passaros,—mas d'esta vez mais alegres do que nunca. Eram pardaes febricitantes de pujança primaveril, gulosos de amor, insaciaveis de prazer. O barão, que na sua qualidade de caçador os conhecia muito bem, nunca reparára comtudo tanto n'elles, isto é, nunca, como agora, se havia encontrado em situação de impressionar-se, pelo confronto, com as nupcias serralhescas dos pardaes.

O barão abandonou-se a largas considerações mentaes sobre a physiologia do pardal.

—Anachreonte alado, pensava elle, Fausto do ar todos os annos rejuvenescido, tu és o mais ditoso dos seres creados, porque só tu possues o grande segredo de aproveitar o tempo no amor!

E, de repente, como se houvera sido tocado por uma scentelha electrica, agitou a campainha.

O criado appareceu.

—José Maria, disse o barão, fica entendendo bem uma cousa: de hoje em deante quero pardaes para o almoço e para o jantar.

O José Maria esbugalhou os olhos.

—O quê, patrão?!

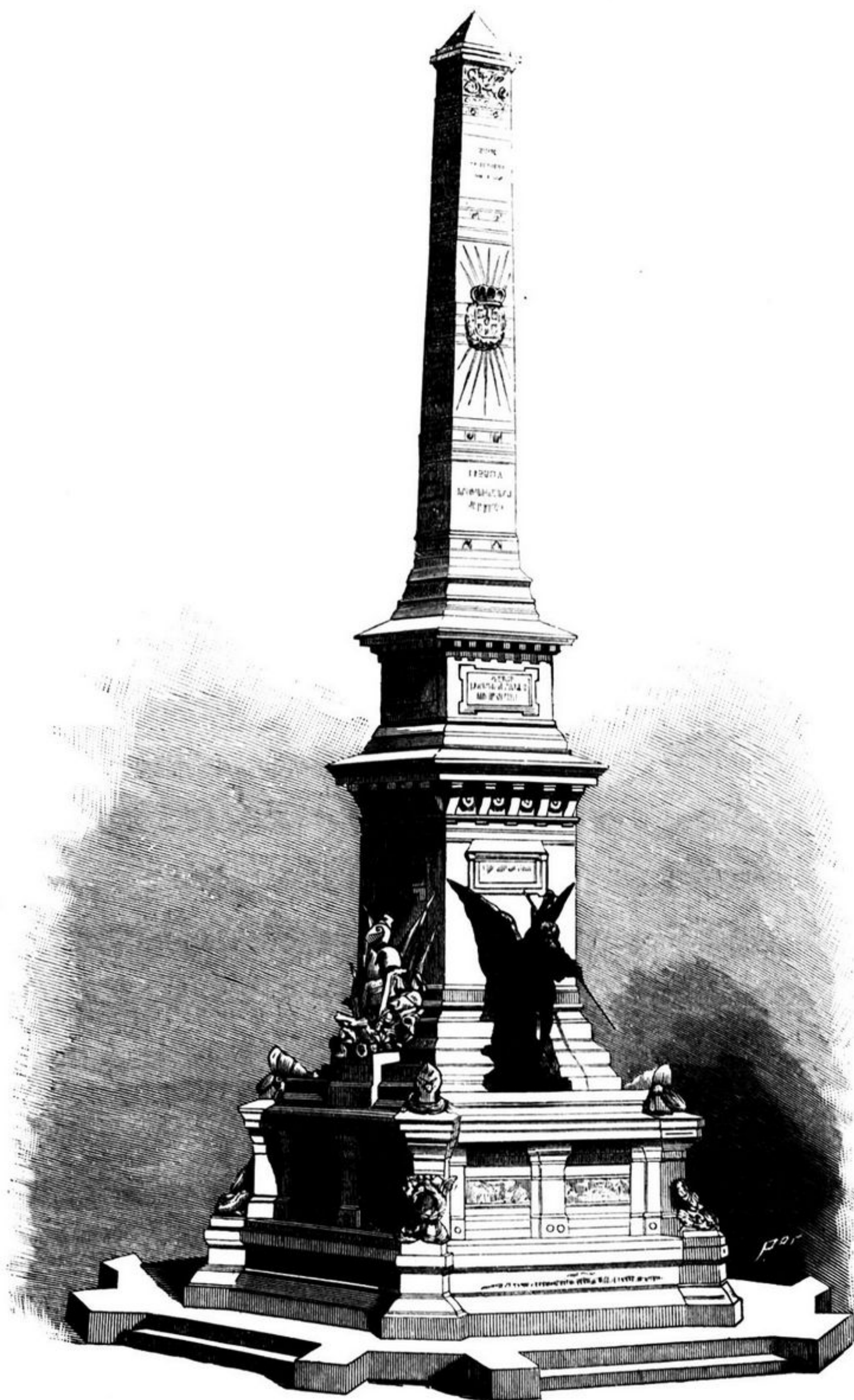
E o barão repetiu com firmesa:

—Pardaes para o almoço e para o jantar.

Mas o José Maria era um *intimo*, que conhecia a vida do patrão como os seus dedos, e que não attingiu facilmente a extravagancia d'este capricho.

Não estava isto nos seus habitos, nem nos do barão, que durante muitos annos confiára as suas confidencias ao José Maria, —como se as atirasse para o fundo de um poço.

Se o José Maria quizesse fallar, quantas reputações de cabellos brancos desabariam do seu pedestal immaculado em sacrificio á gloria aventurosa do amo!

O barão reconheceu que o José Maria não tinha percebido, e disse-lhe com bondade:

O MONUMENTO AOS RESTAURADORES DE PORTUGAL

—Anda cá, meu velho, e olha para aquelle telhado. Repara nos pardaes.

O José Maria olhou, reparou e sorriu:

—Mas isto é muito velho, sr. barão.

—Estás enganado, muito novo é que é, e tão novo que eu só hoje me lembrei de me alimentar a pardaes!

—Continúo a não perceber! Para que quer v. ex.ª comer pardaes ao almoço e ao jantar?!

—Para que quero, tonto?! Para que toma a gente remedios quando está doente?

—Para melhorar com elles.

—Exactamente. Para que os remedios transmittam ao nosso organismo as qualidades que lhes são proprias. E' justamente por isso que eu quero comer pardaes.

—Ah! agora! agora! repetiu o José Maria percebendo e sorrindo.

E, como só procurava ser agradavel ao patrão, d'ahi por deante começou a servir-lhe pardaes ao almoço, pardaes ao jantar.

Dois passarinheiros, nada menos, estavam encarregados de fornecer pardaes todos os dias para casa do barão da Silveira.

Fez-se uma hecatombe medonha nos pardaes dos arredores de Lisboa.

Mas o barão continuava a ser recebido nas salas com o mesmo sorriso sardonico que o desesperava. O *seu bello Rubens*, o quadro de *Cleopatra e Antonio*, só conseguia entristecel-o se olhava para elle, e todavia enxames de pardaes haviam passado atravez do seu organismo sem lhe haverem transmittido a menor parcella das suas qualidades vitaes.

E emquanto o barão lançava no ar o fumo do charuto, cujas nuvens via rasgarem-se em pequeninos flocos azues, e dispersarem-se como outras tantas recordações do seu passado feliz, os pardaes, alegres e fortes, continuavam a noivar incessantemente nos telhados visinhos.

Oh! decididamente, o morgado estava muito velho por dentro, e os pardaes, mais ditosos do que elle, continuavam a ser novos, muito novos!...

ALBERTO PIMENTEL.

RITTA CLARA FREIRE DE ANDRADE

(1758—1781)

Santa mulher foi, devia ter sido, Ritta Clara Freire de Andrade, natural de Bibrete, concelho de Salvaterra de Magos, ella propria o declara para honra da sua aldeia, casada com Bartholomeu Cordovil de Sequeira e Mello, cavalleiro professo na ordem de Christo, distincção que, no seculo passado, era ainda de fazer arregalar o olho aos amadores do genero, e que hoje se concede a qualquer bigorrilhas que saiba falsificar listas em dia de eleições.

O que não sei é como um cavalleiro do habito descambou em professor regio de grammatica latina na villa d'Algodres elle, o traductor da «Iliada» e auctor de muitas obras ineditas, que a Academia Real das Sciencias comprou por sua morte, naturalmente por alguns tostões, por que entre nós, os estabelecimentos de instrucção publica são mais pobres do que qualquer cambista de segunda ordem, e ficam alcançados por um semestre quando se aventuram a despezas eventuaes que orcem por cem mil réis.

Deve-se conjecturar que o professor regio de grammatica latina, apezar da prosapia dos seus appellidos, era pouco correspondido dos bens da fortuna, como prova ser a sua escripta feita em pedaços informes de papel, e em subscriptos de cartas, miseria a que não desceria um protegido das musas, se fossem prosperas as suas condições financeiras.

Até aqui não ha cousa que deva espantar-nos, por ser a pouca largueza de meios a sorte commum de quasi todos os cultores das letras em Portugal, o que não tem impedido que elles, por pirraça á fortuna, que é cega, vão sempre teimando em escrever, na esperança de que ella um dia deixe de os trazer arrastados cá por este valle de lagrimas.

Basta de divagações. A mulher do erudito mestre regio, chamou-se Ritta Clara Freire de Andrade, e publicou em 1871 uma traducção da «Arte Poetica» de Horacio, rythmada ás parelhas, a terceira que se imprimiu em portuguez, sendo a primeira de Candido Luzitano, e a segunda a de Miguel do Couto Guerreiro. Posteriormente a estas traducções da «Arte Poetica» publicou uma outra em 1826 o doutor Antonio José de Lima Leitão, que passa por ser a melhor d'ellas todas, embora esta opinião possa ser contrariada.

No prologo da traducção de Ritta Clara Freire de Andrade, diz ella, com uma ingenuidade e desprendimento só proprios da mulher casada com um professor de latim: «Um esposo que o Omnipotente me deu é quem me obriga (com grande magua do meu coração) a publicar, o que foi para meu divertimento. E que ceda aos seus desejos e que despreze as mesmas regras, que o nosso poeta manda observar, quando diz que se guardem as obras por nove annos, antes que saiam a publico. Se n'isto falto ao preceito d'este grande mestre, não sou eu a culpada, e por isso digna de não merecer a mordacidade dos Zoilos.»

Parece-me estar d'aqui ouvindo o dialogo dos dois conjuges em lucta domestica contra a auctoridade marital de um, e a justificada modestia da sua cara metade.

BARTHOLOMEU.—Quero que se imprima a tua traducção do Horacio. Eu, que sou entendido no assumpto, digo-te que não ficas atraz nem do Francisco José Freire, nem do Miguel de Couto Guerreiro.

RITTA CLARA.—Ora! Elles sempre são homens.

BARTHOLOMEU.—Pois deixa-os ser, que lhes preste. E tu és mulher, então que tem isso?

RITTA CLARA.—Tem, que as mulheres...

BARTHOLOMEU.—Com talento valem tanto como os homens. (Repetindo *os dois versos finaes da traducção*:

Qual tenax sanguesuga, não se aparta
Sem que tenha de sangue a pelle farta.

Digot'o eu que estão bons: vou mandar o manuscripto, para que se imprima na officina regia da Universidade.

RITTA CLARA.—Vê lá o que fazes.

BARTHOLOMEU.—Ha de ser um Horacio, que saiba a Horacio.

E assim foi, e assim devia ser. O dialogo que ahi transcrevi não o inventei eu, apenas o desfiei da seguinte prosa da traductora: *Vinte e tres annos incompletos de edade não são bastantes, para alcançar os necessarios conhecimentos de tão ardua empreza mas estas limitadissimas luzes devo-as a um marido, que conhecendo em mim (segundo elle diz) docil disposição para os estudos, me ensinou com summa paciencia a grammatica portugueza, logo as linguas franceza e italiana, e ultimamente a latina, á qual concebi um amor tão grande, que só Virgilio e Horacio são os exemplares em que me occupo, fóra das obrigações do meu estado.*

Estas desculpas tão ingenuamente dadas e que são para mim como um artigo de fé, parece não haverem merecido inteiro credito aos bibliophilos, apezar da indicação da local em que nasceu a traductora de Horacio, da certidão de edade que nos apresenta, e dos processos que seguiu para em tanto latim se enfronhar, guiada por santo de casa, que fez este milagre, apesar do que vulgarmente se diz dos santos em identicas circumstancias.

Pois a malevolencia publica duvida ainda hoje das confissões de D. Ritta Clara, só pe o marido ser tambem official do mesmo officio. Innocencio da Silva resumiu essas duvidas nas seguintes linhas: «*Tem sido geralmente assentado não ser esta traducção da senhora em cujo nome se imprimiu, mas sim de seu marido, Bartholomeu Cordovil. Alguns, porém que se julgam melhor informados, affirmam que nem ao dito Bartholomeu Cordovil deve attribuir-se tal versão; a qual dizem pertencer de facto a Antonio Izidoro dos Santos, bedel da Universidade!*»

Safa! que ja é vontade de embrulhar as cousas, e de as desfigurar! O sr. Antonio Luiz de Seabra, hoje visconde de Seabra, competentissimo juiz n'estes assumptos, fallando da traducção de D. Ritta Clara Freire d'Andrade, expressa-se d'este modo:

«*Esta traducção tem bastante merecimento, tem animação e espirito poetico; mas desgraçadamente é forçado o traductor a sacrificar ao futil tinilho da rima os pensamentos do auctor, ora supprimindo, ora acrescentando idéas que o desfiguram. Se Cordovil* (aqui temos a mesma embirração dos outros criticos!) *se não tivesse manietado com a rima, teria nos dado uma excellente traducção da* «Arte poetica» *Assim mesmo, é superior a todas as outras.*»

Emquanto se nega que D. Ritta Clara seja a traductora da «Arte Poetica» e se dá essa gloria a seu marido, como tudo fica em casa, não vejo n'isso grande dezaire para ella. Mas que se attribua a traducção a um tolo, como foi Antonio Izidoro dos Santos, apesar do seu titulo de bacharel, e da carta de professor de rethorica, que trocou pelo emprego de bedel, na propria faculdade em que era formado, é o que não posso levar á paciencia!

D'este Izidoro, resa pouco louvavelmente a tradição oral originariamente posta em circulação pelo sizudo ministro d'Estado Filippe Ferreira de Araujo e Castro, que conheceu o *poeta de má morte*, designação confirmada por outras pessoas, egualmente bons contrastes, que tambem ao escapar conheceram o desastrado professor de rethorica, methamorphoseado em bedel.

Foi a este sujeito não sei por que bulas suspeitado de ser o traductor da «Arte poetica» de Horacio, que um desenfastiado critico dirigio o seguinte soneto anonymo, parodia evidente do estylo estapafurdio e gongorico do poeta coimbrão:

Fanfaruncias, farofias, bagatellas,
Galhardiferas naus, ondas lethargicas
D'Apelletica mão pinturas targicas
Trambulhões, altos couces, cambadellas

Polvoreas bombasticas panellas,
Cheiratificos prados, flores vergicas,
Vozes sexquipedaes, espalhafargicas,
Cutellos, dardos, chuços, esparrellas.

O RAPTO

Mirmidonicos povos, Deus cambaio,
Daphaetico amante, auxilio imploro
Pavilhão azulado, ignoto mais.

Choro. morro, canguei-o, é desaforo!
Aqui firo, ali mato, acolá caio:
Os versos aqui tendes do Izidoro.

Que mal faria a Deus D. Ritta Clara, para lhe substituirem o seu nome pelo de um parvo, que mereceu tão magistral e severa tunda de seu gracioso motejador?

Este soneto fez-me lembrar d'uma cousa, e não quero ficar engasgado com ella. Ora digam-me, trocados os palavrões do poeta Izidoro, por egual numero de vocabulos chulos, ou pelo menos do uso quotidiano dos trintanarios, e das Venus d'alcôva, não teremos um soneto á moderna, rimando *charuto* com *Polyuto; propina* com *Proserpina, Dante* com *farfante*, e apenas por acerto, *poeta* com *pateta*?

Faço a pergunta, e deixo a resposta ao meu amigo Fernandes Costa, e não me dirijo directamente a Camillo Castello Branco, por que esse já lhe deu replica antecipada no seu «Cancioneiro Alegre.»

Vamos rematar. Eu não me atrevo a contradizer a opinião do Visconde de Seabra, com relação aos versos rimados, que elle entende prejudicarem a traducção de D. Ritta Clara Freire de Andrade, mas o que é certo é serem-lhe inferiores as outras tres traducções que existem, embora de tão nobilitados homens de letras, como foram Candido Luzitano, Miguel de Couto Guerreiro, e o doutor Lima Leitão, sendo a d'este ultimo julgada superior ás duas outras que a antecederam.

Ahi deixo para confronto, a traducção dos primeiros versos de «Arte Poetica» feita por Lima Leitão, e por D. Ritta Clara, sendo opinião minha que a d'esta se avantaja áquella, quer na medição dos versos, quer na fluencia do estylo, apesar de ser menos litteral e menos laconica, condições que não julgo indispensaveis n'uma boa traducção.

LIMA LEITÃO

Se indiscreto pintor juntar ousasse
Formosa frente humana a collo equino,
E, de cada animal pondo-lhe um membro,
De varias plumas recamasse o todo,
Findando em feio peixe a alma donzella,
Não ririeis, amigos, ante o quadro?

D. RITTA CLARA

Se um pintor á cabeça humana unisse
Pescoço de cavallo, e revestisse
Membros de toda a especie de viventes
Com pennas de mil côres differentes,
De sorte que mulher de linda face
Em torpe e negro peixe rematasse,
Não ririeis, amigos, por ventura,
Chamados para ver esta pintura?

Repito. Não me parece que a concisão da primeira, valha mais do que a ampliação da segunda traducção. Não será mais poetica, a menos litteral? Eu digo que sim.

L. A. PALMEIRIM.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 39)

IV

A governante

Luiz, extremamente pallido, subiu a escada e entrou na sala da casa do Fonseca, n'essa sala d'onde poucos momentos antes sua mulher fugira assustada com o amante.

Elle era um homem alto, bem parecido, cabello quasi branco, mas d'essa brancura precoce que não quer dizer velhice.

Tinha fundas olheiras, e o rosto macerado pela enorme catastrophe que ha dois dias desabára brutalmente sobre a sua vida tranquilla, socegada e feliz.

Deixou-se cahir sobre uma poltrona n'um grande abatimento, e ficou-se com a physionomia parada, o olhar vago a scismar, a meditar na dolorosa situação em que a fatalidade o collocára, a rememorar com uma saudade pungente todo o seu passado risonho, calmo, cheio de alegrias e de esperanças.

Quanto tempo esteve assim?

Nem elle soube. Tinha perfeita inconsciencia das horas que passavam mergulhado na sua triste *reverie*.

E entretanto, sua mulher e o amante, lá dentro, escondidos no fim da casa, discutiam acaloradamente a posição que o Fonseca devia tomar em frente d'esse amigo que tão vilmente atraiçoara, combinavam apressadamente o plano a seguir, a resolução a adoptar.

Por fim a porta da sala abriu-se e o Fonseca entrou, excessivamente pallido, com um terror cobarde a prender-lhe os passos hesitantes.

Antonia provára-lhe com toda a logica mais efficaz que seu marido, que o Luiz, não sabia quem lhe roubára o amor de sua mulher, quem deshonrára o seu nome, quem lhe anniquilára todo o seu futuro; que a sua ida a casa do Fonseca era a certeza evidente d'essa ignorancia, e que Luiz ia ali como um amigo que n'uma situação dolorosa da sua vida vae pedir o conselho do seu amigo mais intimo, e não como o homem offendido que vae vingar a sua honra ultrajada.

E effectivamente tudo levava a crêr isso, e de contrario o Fonseca nunca se atreveria a entrar na sala; mas agora, que já entrára, a hypothese opposta tomava de repente vulto no seu espirito acobardado. E se o Luiz soubesse tudo e fosse ali de proposito para o matar? Era menos verosimil, mas no fim de tudo, na vida real o menos verosimil é a maior parte das vezes o mais verdadeiro. E esta idéa, enchendo de repente todo o cerebro do Fonseca, dominava-o completamente, aterrava-o, dava-lhe vontade de fugir d'ali, de deitar a correr para longe de aquelle homem, que de sua victima se podia de repente tornar em seu algoz terrivel.

E hesitante, o Fonseca conservou-se immovel ao pé da porta que deixára entreaberta.

O Luiz despertou como que d'um sonho, olhou para o Fonseca, e pondo-se rapidamente em pé, correu para elle de braços abertos.

O Fonseca quiz recuar, mas não teve forças para isso: o terror parece que lhe pregára os pés no chão, e de repente sentiu-se enleado, preso peles braços de Luiz, que pareciam querer esmagal-o n'um abraço vigoroso.

E ao mesmo tempo, lagrimas como punhos cairam em abundancia dos olhos de Luiz pelas suas faces lividas e maceradas.

O Fonseca soltou um suspiro de alivio. Decididamente o Luiz não sabia nada: Antonio tinha rasão.

E mais senhor de si, abraçou o seu amigo.

— O que é isso? o que é isso? perguntou com voz mal firme.

— O que é? respondeu o Luiz suffocado pelo pranto, é que sou um grande desgraçado!

E continuou a chorar.

— Então, homem, socega, e explica-te, disse o Fonseca muito contrafeito, sentindo todos os escolhos da sua difficil posição.

— Sabes que eu era o homem mais feliz do mundo, começou o Luiz depois d'uma curta pausa, e dominando-se por um violento esforço de vontade. Sabes que vivia a vida mais tranquilla e venturosa, sem cuidados de dinheiro, sem preoccupações, sem desgostos, todo entregue ao amor de minha mulher, que eu estimava immenso, ás caricias de minha filha que eu adoro...

O Fonseca, não se atrevendo a responder, fez apenas um signal affirmativo com a cabeça,—que sim, que sabia.

— Pois bem! Tudo isso acabou d'um momento para o outro.

— Como? perguntou o Fonseca tentando em vão formular uma interrogação curiosa, mostrar um grande espanto.

— Como? repetiu o Luiz, que muito perturbado pelas suas preoccupações não deu pela inflexão singular da pergunta do seu amigo. Minha mulher é uma infame, atraiçoou-me, enganou-me, deshonrou-me!

— Mas como soubeste? interrogou o Fonseca, com uma inhabilidade desastrada, a que valeu apenas a perturbação enorme de Luiz.

— Soube d'um modo muito simples, muito velho, mas que sempre dá effeito.

E Luiz contou então como começára a ter suspeitas de sua mulher, como uma carta anonyma o avisára de que sua mulher mettia em casa, quando elle sahia, um homem que elle conhecia muito bem, a quem chamava amigo.

— Mas quem é esse homem? perguntou o Fonseca fazendo-se muito vermelho, affluindo-lhe á cara todo o sangue.

— Não sei! A carta não m'o dizia e venho ter comtigo para tu me ajudares a procural-o.

— Eu? gritou aterrado o Fonseca.

— Sim, tu sabes tão bem como eu as pessoas com quem eu me dava,—e vaes ajudar-me a procurar entre essas pessoas aquella que me atraiçoou vilmente, aquella que matou a minha felicidade, a felicidade de minha querida filha, o futuro de nós ambos.

— Mas não é facil, balbuciou Fonseca...

— Ouve o resto, e depois fallaremos. Ao principio não quiz fazer caso da carta anonyma, mas aquella accusação estava sempre dentro de mim a espicaçar-me, acompanhava-me a tudo instante... comecei a espionar minha mulher.

— E então?

— Nada vi de suspeito. A minha casa não ia ninguem senão tu. A vida d'ella era a mais simples possivel. Levei-a aos theatros, a passeios, a toda a parte, a ver se descobria alguem para quem ella olhasse, á espera de encontrar repetidas vezes aqui e

ali, algum dos meus amigos e dos meus conhecidos, ver se achava finalmente algum indicio. Nenhum. Pensei mesmo em te dizer isto a ti, em te confiar o meu tormento, em te metter no meu segredo, em te pedir que me ajudasses a descobrir a verdade.

—E porque não fizeste isso?

—Porque tive medo de ti.

—Medo de mim? perguntou o Fonseca estremecendo.

—Sim. Primeiro tive medo de que tu me quizesses desvanecer a minha idéa, e como eras muito amigo de minha mulher, a prevenisses das minhas suspeitas.

—Eu?

—Sim, com o fim muito louvavel, faço-te plena justiça, de evitar a catastrophe que hoje faz de mim um infeliz e d'ella uma desgraçada. Tive medo d'isso, porque eu queria ter a certeza de que a accusação da carta anonyma era uma calumniosa vilannia, ou de que a minha desgraça era um facto consumado, e mettendo-te a ti na confidencia, essa certeza desappareceria para sempre, porque nunca saberia se essa carta me mentia ou se tinhas sido tu, que na melhor das intenções, tinhas desviado do meu caminho a verdade terrivel.

(Continúa.) GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

FRANCISCO ORTIZ

(Ministro dos Negocios estrangeiros da Republica Argentina)

Conta 45 annos de edade e é natural da provincia de Salta. Antes de ser chamado ao alto cargo que hoje desempenha, era membro do senado argentino, onde se distinguiu pelo seu grande tacto politico e pelo seu talento brilhante.

Os actos de governo do illustrado ministro são constantemente narrados pela imprensa d'aquelle paiz, que é unanime em tecer-lhe os maiores elogios.

O sr. Ortiz fundou um *Boletim mensal*, que não só reproduz todo o movimento consular argentino, como até os documentos de chancellaria, que são d'interesse geral e cuja publicação deve fazer-se antes de se apresentar a *Memoria annual*, estabelecida pela constituição.

Além d'esta utilissima revista deve-se a elle a publicação de uma obra de importancia mais solida, como é a collecção em tres volumes dos tratados da Republica com as nações estrangeiras.

O habilissimo diplomata negociou em 1885, com o governo do Brazil, um tratado preliminar para o ajuste definitivo da questão dos limites no territorio de Misiones, que pendia irresoluta desde o seculo passado.

Este acto basta para o tornar verdadeiramente notavel, e credor do respeito e sympathias dos seus concidadãos.

O corpo diplomatico estrangeiro acreditado nas nações amigas da Republica Argentina encontrou sempre no actual ministro dos Negocios Exteriores um trato simples, despojado da rigida etiqueta corteză, a par da franqueza e lealdade nas suas cordiaes relações.

A Republica Argentina, embora muito abundante em homens distinctos pelo talento, conta bem poucos que, como o actual ministro, possua as solidas qualidades de um homem de governo.

Ultimamente, pela renuncia de D. Benjamin Paz, foi o sr. Francisco Ortiz chamado a tomar a pasta do interior, e encontra-se, portanto, á frente de dois cargos dos mais importantes do governo argentino.

O MONUMENTO AOS RESTAURADORES DE PORTUGAL

Este bello monumento, mandado erigir pela *Commissão Central 1.° de Dezembro de 1640*, e inaugurado com grande pompa no dia 28 d'abril findo, teve principio em 1 de dezembro de 1875.

Desenhou o projecto o professor da Academia de Bellas Artes, Antonio Thomaz da Fonseca, e a construcção foi confiada ao sr. Sergio Augusto de Barros, que a ajustou por 22:000$000 réis.

O monumento compõe-se de um envasamento de 4,70 metros, de um pedestal com 6,90 metros, altico de 3,20 metros e obelisco de 14,60 metros.

Duas estatuas ornam o pedestal. A que olha para o sul, executada por Alberto Nunes, represen ta o Genio da Independencia. A que olha para o norte, executa da por Simões d'Almeida, representa a Victoria ou antes o Anjo da Victoria.

A fundição d'estas duas estatuas foi executada no Arsenal do exercito, por conta do governo, que forneceu tambem o bronze, avaliado em 6:000$000 réis.

Nas 4 faces do monumento lêem-se as dez datas memoraveis da Independencia.

O RAPTO

Talvez seja casada... Partiu n'uma noite de inverno, debaixo d'agua, sem haver dado o mais leve indicio da resolução que premiditára, abandonando a felicidade, a branda paz, a mercê de Deus... O marido haveria ido, como de costume, lêr os jornaes, deixando-a com o filhinho ao collo, assentada ao lar, defronte de uma imagem do Senhor Crucificado, que sorri por entre a agonia... Talvez principiasse n'essa manhã um bordado que deveria durar mezes: estivera a arrumar a roupa, tocára umas valsas ao piano, e governára a casa, como se os deuses lares velassem por ella... O marido, ao chegar, encontraria ainda o candieiro acceso, os moveis na habitual disposição simetrica, a creancinha a dormir; levaria tempo para se orientar na desesperação, porque a transição é o declive que suavisa o abismo, e elle devera sentir-se cair de repente, ás escuras, sem ver nada na noite profunda da sua dôr; e, por isso mesmo, quem saiu foi a mãe d'ella, a mãe d'ella é que procurou, é que foi encontrar os fugitivos na estalagem em que os estamos vendo...?

E' solteira? Abandonou pae e mãe por um homem a quem não conhecia, levada pela tentação do vago, pela seducção da desgraça?

Seguio apenas, como menina romanesca, um namorado, um primo bonito, airoso, que tenha a distincção fidalga de haver chegado aos trinta annos sem saber o que seja ganhar dinheiro, um pateta, que nem gosta d'ella, porque não saiba gostar senão de si?

Ou o caso é outro, e trata-se de um filho familia que anda arejando os haveres paternos ainda antes da herança lhe chegar á mão, divertindo-se de terra em terra, com uma formosa que lhe haja inculcado a idéa de que as viagens sejam a instrucção da mocidade, e se proponha instruil-o, viajando-lhe os bens a elle?

Não é facil explical-o bem. A velha, na sua attitude digna, reprehensiva, austera, dá revelação de uma grande auctoridade, mãe, avó... E' uma bella velha; uma *douairière* de raça; o amplo casaco de viagem, a romeira de pelles, o sereno e respeitoso creado que se conserva á porta com o coberjão de viagem no braço, tudo indica a condição superior d'essa senhora. A gente da estalagem como que está tendo o sentimento do que se passa; todas as physionomias denotam a attenção e interesse que um acontecimento extraordinario promove. Trata-se inquestionavelmente de um grande lance. Até as creancinhas, no seu instincto innocente, calam-se, e como que reprimem a respiração...

E' um rapto! E a variedade que se nota na composição do quadro, a verdade das physionomias, a expressão propria e verdadeira dos personagens, dão á scena o attractivo de uma situação dramatica, imaginada e disposta com a segurança e firmeza de uma elevada comprehensão artistica.

PROCURANDO O EXPLORADOR FRANKLIN

John Franklin, o celebre navegador inglez e official da marinha britannica, depois de ter servido nas guerras contra a França e os Estados-Unidos, tomou parte, como se sabe, em 1818, na expedição de John Ross, destinada a descobrir uma passagem ao N. O. da America, e avançou, entre a Groenlandia e o Spitzberg, até aos 80°34 de latitude N.

Durante os quatro annos seguintes, percorreu o continente americano, desde o mar de Hudson até ao mar polar, emquanto Parry recomeçava a tentativa de John Ross, do lado do mar de Baffin.

Nomeado capitão, no seu regresso á Londres, Franklin propoz uma nova exploração n'aquellas mesmas regiões, em 1825; desceu duas vezes o curso do Mackensie, e soffreu os rigores de uma invernia, em que o thermometro chegou a marcar 58° abaixo de zero.

Em 1845 abandonou de novo a capital de Inglaterra, para completar a descoberta da passagem do noroeste, com dois navios, o *Erebus* e o *Terror*. Foi visto em 26 de julho do mesmo anno, por um baleeiro, na bahia de Melville, e depois d'aquella data, ninguem mais teve noticias d'elle.

A partir de 1848, dezoito expedições, realisadas á custa do governo inglez, de lady Franklin e de varios cidadãos americanos, tentaram inutilmente descobrir o paradeiro do famoso navegador. Apenas em 1859, a expedição dirigida por Mac-Clintock conseguiu saber da sorte de Franklin, encontrando na ilha do rei Guilherme um pergaminho deixado pelos companheiros do arrojado explorador, dando o itinerario de Franklin até 11 de junho de 1847, data em que elle succumbiu ás suas enormes fadigas.

Os companheiros de Franklin morreram todos, tambem, no anno seguinte, de frio e de fome, quando procuravam alcançar o continente.

A nossa gravura representa uma das expedições a que alludimos, descansando sobre os gelos do Norte. Sente-se frio olhando para o quadro.

PROCURANDO O EXPLORADOR FRANKLIM

A CAPELLA DE S. JORGE

A nossa gravura representa a fachada da Capella que se incendiou na noite de 9 de abril ultimo, e que pertencia á colonia britannica residente em Lisboa.

A Capella de S. Jorge fôra mandada construir em abril de 1820, para os serviços divinos da Egreja anglicana, realisando se a sua inauguração em 1822. Custou cêrca de 5:000 libras esterlinas, foi solemnemente sagrada pelo bispo de Gibraltar, e tem por orago S. Jorge.

O edificio era em forma de Basilica, tendo 22 metros de comprimento, 30 de altura e 10 de largura.

Tinha 92 bancos de vinhatico polido, com estantes, sendo o resto da mobilia de excellente madeira e optimo trabalho.

Decorada com muita simplicidade e extremo gosto e aceio, havia n'ella um orgão de grande valor, que ficou completamente destruido, bem como um rico panno que cobria o altar.

A Capella estava dentro do cemiterio, o qual tivera principio em 1717.

No sitio em que está situada a casa do capellão, havia, n'outro tempo, um hospital para tratamento dos marinheiros inglezes.

A Capella de S. Jorge foi pasto das chammas, por effeito de um bico de gaz, que ficára acceso junto do orgão.

O fogo devorou n'um momento todo o edificio.

VILLEGIATURA

Havia alguma coisa d'infantil,
O' minha doce Ingleza,
No seu fresco vestido, e fresco abril
Da minha natureza.

Tinha uns requebros languidos d'amor
O teu olhar, pequena,
Ao passar-te os meus braços ao redor
Do collo d'assucena,

De braços dados iamos os dois
Na sombra dos caminhos,
Fazendo esvoaçar os rouxinoes
De dentro dos seus ninhos.

E quem nos visse então ao perpassar,
O' minha phantasia,
Houvera intimamente de pensar,
«Que noivos! Que alegria!»

E tanto, que um jarreta, da Moral
O cavalleiro-andante,
Olhou-nos com sorriso paternal,
O' minha doida amante.

E uma velha tornou-me, quando eu fiz
A esmola bemfeitora:
«Que a Mãe de Deus o faça bem feliz,
Mais á sua senhora.»

E a um velhote prudente ouvi dizer:
«Tão moços e casados!
Mais tarde é que elles se hão de arrepender,
Os pobres estouvados!

Deixem-lhes vir os filhos e verão...»
E eu ria alegremente,
E, ouvindo-os, apertava a tua mão
O mais honestamente.

Mas deixámos a estrada, e ambos nós
Tranquillos respirámos,
E, doidamente, ao vermo-nos tão sós,
Que beijos que trocámos!

E então, pequena, á sombra do docel
D'um velho castanheiro,
Foi que eu sorvi o precioso mel
Do teu amor fagueiro.

E quando nós voltámos outra vez,
Risonhos pela estrada,
Alguem apenas reparou, talvez,
Que vinhas desgrenhada.

E, ainda assim, quando te viu, culpou
O vento e o cansaço
Das mechas de cabello que soltou
Aquelle estreito abraço.

CYRILLO MACHADO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

O que a ave faz é um soffrimento agil—2—1.
Vegeta, corre e canta—2—2.
Vôa, abafa e come-se—2—1.
Existes, flor, na humilhação—1—2.
Suffoca no campo, suffoca!—1—2.
Aqui, malvada! Aqui, pellada!—1—1—1.

Brazil. EDUARDO R. LEITE.

Esta mulher é um quadrupede que corre—1—2.

PADRE LEITE VELHO.

Merece um X este appellido—1—1.
Move-se na musica este animal—2—1.
Este homem afortunado, debaixo da terra, é uma mulher—2—2.

ASSIGNANTE DE PALMELLA.

EM LOSANGO

A primeira está no ar, .
A segunda no altar, . . .
A terceira, essa é mulher, ...
E a quarta é um paiz. . . . .
Seguimento a quinta diz, ...
Educar a sexta quer, . . .
E esta agora, a derradeira, .
E' o mesmo que a primeira.

Brazil. EDUARDO R. LEITE.

Logogriphos

(Por lettras)

10, 6, 7, 2, 9, 5, 11, 12, 13 — N — 13, 2, 7, 15, 11, 4, 8, 9, 15
5, 11, 3, 15, 9, 10 — O — 3, 5, 9, 4, 11, 13

1, 13, 6, 10 — N — 6, 4, 7, 13
1, 4, 6, 5, 7, 4 — A — 9, 4, 7, 4, 8, 9, 15
7, 5, 9, 8 13, 8, 7, 15 — V — 5, 9, 7, 10, 14, 15, 9
5, 11, 3, 15, 9, 15, 12, 4 — I — 1, 8, 3, 4, 13, 6, 7, 2, 9, 5, 11, 12, 4
6, 5, 12, 2, 11, 13 — O — 3, 5, 11, 11, 13

Conceito—Dos navios

Porto. M. M. & M.

(Ao distincto logogriphista A. Meruje)

No presente logogripho,
Talvez vá alguma asneira,
Porque estava, quando o fiz,
Lendo o *Correio da Beira.*

Vereis cidade do Egypto,—7—11—13—8—18—10—10—4
E que pertence á Turquia;—9—2—16—10—4—5—8
Embora seja hollandeza,—5—1—10—10—14—15—7—11—13
Podeis vel-a na Oceania.—13—12—2—4—9—9—11—5

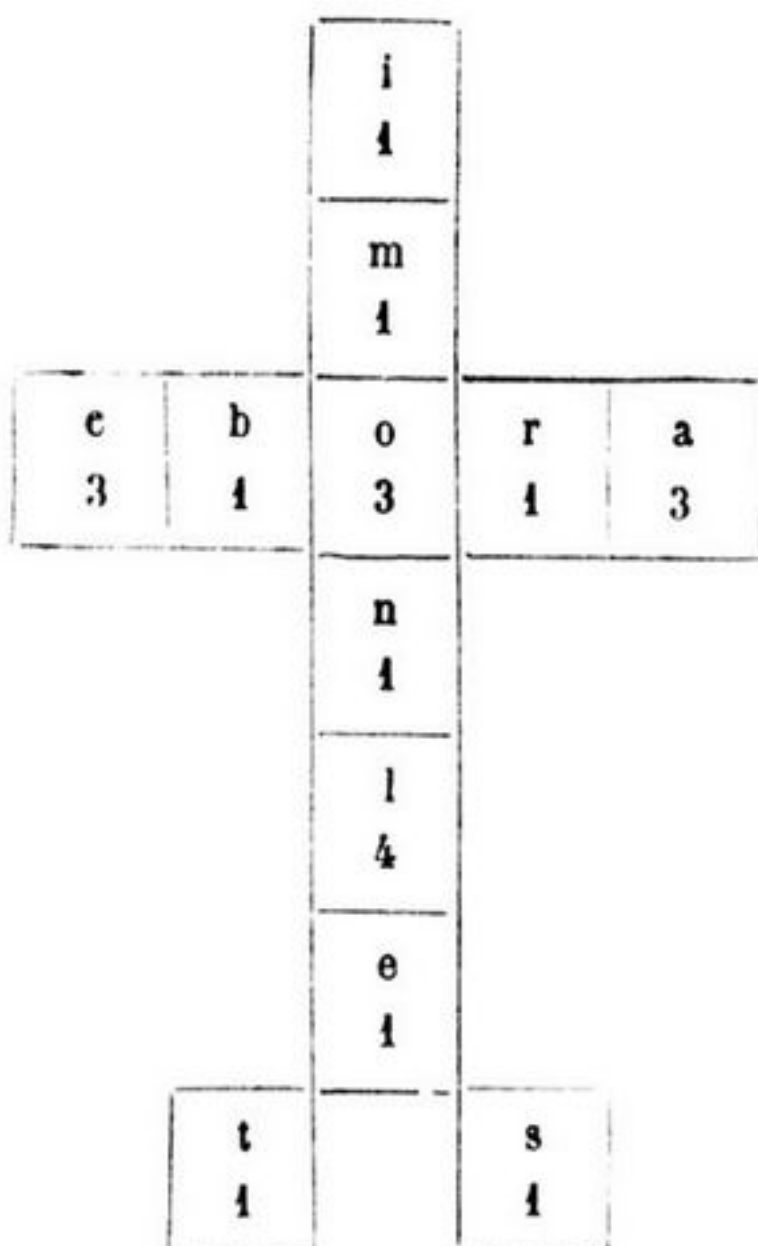
Da Persia vereis cidade,—10—6—16—15—8—9
E ainda outra, mas franceza;—10—1—16—15—9
Agora, uma brazileira,—12—15—11—2—4—17—16
E afinal, outra hollandeza.—16—10—5—14—2—3—10

E' composto de cidades,
Acreditae, fallo franco;
E o todo, caro Meruje,
Acha-se em Castello Branco.

No alphabeto sanskrito,—6—2—1—4—1
E tambem em qualquer mina,—1—4—3—8—6
Vês metal, segundo dizem,—6—4—1—5—3
Que teve origem divina.—5—1—7—8—6

No todo encontras artista,
Globos celestes fazia;
Gravador mui afamado
Que em Upsal residia.

MATHEUS JUNIOR.

Enigmas

Conceito.—Escriptor do seculo XIX

Porto. M. M. & M.

EM ACROSTICO

Ilha do Mediterraneo	. o . s . g .
Provincia allemã	. l . a . i .
» da Austria	. o . a . i .
Porto da Belgica	. s . e . d .
Rio da Europa	. s . a . d .
Reino da Allemanha	. a . o . i .

Poeta mui conhecido

ARISTOLO.

Problema

Pedro ajusta um criado por 12 moedas e meia e uma casaca por anno; no fim de 10 mezes despede-o, dando-lhe 10 moedas e a casaca. Pergunta-se qual o valor da casaca?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Extraordinario—Fabula—Generosa—Metaphisicamente—Passarola—Camilla—Arisca—Limonada.
DA CHARADA EM VERSO:—Secretaria, Secretaria, Secretario.
DOS LOGOGRIPHOS: — Escalfurnio—Hecatomphonias—Castro-Marim.
DA CARTA ENIGMATICA:—Nascimento.
DO PROBLEMA DO N.º 40:—52 alumnos e 6 bancos.

A RIR

Conversava-se, n'uma sala, ácerca do espiritismo e dos espiritos.

A dona da casa, dirigindo-se a um medico que estava presente, perguntou-lhe:

—Acredita nos espiritos?

—Deus me livre d'isso! respondeu o esculapio.

—Porque?

—Porque? Se acreditasse em almas do outro mundo, não me atreveria a exercer a minha profissão!

*

Um medico trata de consolar, como pode, certo doente.

—Coragem, meu amigo, não desanime!

—Pensa que escaparei, doutor?

—Hum...hum... o que lhe posso affiançar é que, com essa doença, não ficará desfigurado depois de morto.

UM CONSELHO POR SEMANA

TINTURA DOS CABELLOS

Se tiveres o cabello castanho, caro leitor ou leitora, e se elle já começa a embranquecer, restituir-lhe-has facilmente a côr primitiva, fazendo uso d'uma decocção de chá muito forte.

O processo é simples: com o auxilio d'uma escova de pello bem fino, molham-se os cabellos todos os dias, pela manhã e á noite. O chá fará desapparecer as brancas, sem o menor perigo para a couro cabelludo.

Uma infusão de cascas de nozes verdes produzirá o mesmo resultado, reparando facilmente o *irreparavel ultrage dos annos.*

A CAIXA D'AMENDOAS

Viviam a Buenos Ayres, n'um palacete de solida apparencia e de profundo máo gosto O inevitavel jardim com o inevitavel kiosque de raios pintados de roxo-terra, desapparecendo sob trepadeiras. Pesada mobilia de ferro, pintada d'amarello.

Muitas bananeiras e plantas tropicaes, espantadas de se verem n'este doce clima e teimando em morrer, com uma nostalgia da patria, que punha furias na voz do rotundo brazileiro, dono do predio. O portão gradeado apoiando-se em duas columnas sobrepujadas por dois vazos de porcelana.

Ao meio do jardim, um tanque com um bote tripulado por um enorme macaco. Junte-se a esta *mise-en-scène*, o sr. commendador Braga, *brazileiro* rico, natural de Braga, recemchegado a Lisboa, com todos os seus milhões e todos os seus papagaios e todo o seu mal do figado. A sr.ª D. Antonia, mulher grande, pesada e grave, de imponentissima figura, com luneta d'ouro na ponta do nariz e varios anneis de pedras nos dedos. Tez côr de amendoim e um gatinho branco ao collo de *sinhá*.

O ar severo da sr.ª D. Antonia fazia tremer a creadagem branca e de côr. A sua voz tinha o que quer que era de agreste e mordente como um mólho d'ortigas roçando a epiderme. Havia punhos cerrados e linguas de fóra quando a brazileira passava nos corredores, de luneta na ponta do nariz, na occasião em que as duas creadas brancas faziam as camas, rebolando-se por ellas ainda quentes dos corpos dos patrões, e beliscando-se uma á outra e beijocando-se e gargalhando e *pintando o diabo*, como costumava dizer a brazileira.

Havia quotidianamente uma batalha de travesseiros e almofadas, reciprocamente atiradas com força pelos valentes braços das duas creadas de quarto, duas frescas raparigas da provincia, tomadas em Lisboa, uma de 18, outra de 20 annos.

Estes brinquedos de todos os dias, nunca haviam sido surprehendidos pela magestosa brazileira, graças aos seus sapatos de marroquim cardinal, com borlas de retroz da mesma côr e saltos de madeira dourada á Luiz XV, com os quaes fazia tanto barulho no *parquet* das galerias como uma duzia de lavadeiras.

Já não succedia o mesmo ao sr. commendador Braga, o qual —offerecessem-lhe a gran-cruz da Conceição—não largaria os seus sapatos d'ourelo, pouco aristocraticos, é verdade, mas tambem D. João VI usava metter frangos assados nos bolsos do seu casaco, e nem por isso deixou de ser... D. João VI.

O astuto brazileiro tinha os seus motivos para andar em pé de dança pelos corredores e galerias, como vamos ver.

Não era raro, ao passar pelo corredor, surprehender s. ex.ª, o charivari das creadas; e logo, enfiando pelo quarto dentro, apparecia como a sombra de Banquo, envolto no seu chambre de ramagens, exclamando com um gesto tragi-comico, de dono de casa indignado:

—Mi dão cabo da roupa, sus démonios!... Qui másso!...

As endiabradas raparigas, ao bisparem s. ex.ª, desappareciam rapidas debaixo das camas, e de lá, punham-se a miar desesperadamente como os gatos, ao mesmo tempo que começavam um

bombardeio terrivel com as fronhas, almofadas e travesseiros na figura do comico brazileiro, obrigando-o a fugir do quarto, acompanhado pelas casquinadas estridulas de um riso convulsivo, que faria ranger os dentes á commendadora, se ella podesse adivinhar só uma d'estas scenas.

O commendador andava derramado de paixão pela criadita de 18 annos, loura e picante como todos os diabos. Costumado ás *nuances carregadas* das terras de Santa Cruz, todo elle se embasbacava ante o prodigio de ver uma creadita com cara de princeza, de longos cabellos d'ouro, uma tez alva como leite em que a frescura da mocidade punha tons coloridos de uma delicia profundamente voluptuosa. E espantava-o e commovia-o e abalava-o o ardor d'aquelles olhos radiosos e provocantes; o riso que brotava caudalosamente d'aquelles labios, em gargalhadas triumphaes, vibrantes, unicas.

Por isso o commendador da Conceição não tinha duvida em fazer-se o commendador da Laura (a creadita), e por amor d'ella apanhava quasi todos os dias com as almofadas no costado.

*

Durava este idyllio do aristocrata feito á pressa, com a Laura dos olhos quentes, havia mezes, resistindo ella a todas as promessas e declarações fogosas do pançudo Adonis; não se sabe bem se, por elle não desatar francamente os cordões á bolsa, se por ella ser realmente a virtude feita creada de servir.

O brazileiro, cançado d'estes escrupulos psychicos... decidiu-se, como um brazileiro que se prezava, a dar um rude ataque.

A sagrada paixão e morte de N. S. Jesus Christo ia-lhe servir a capricho para os seus intentos de Lovelace retirado do commercio. Appellou como um desesperado para as amendoas. E mais grave do que um irmão do Santissimo, um bello momento, na quarta feira de cinza, investiu pela nova confeitaria da Avenida e abotoou-se com uma caixa de setim côr de fogo, imagem do volcão que lhe ia n'alma.

Mandou s. ex.ª encher de amendoas finas a caixinha, e depois de a envolver n'um vistoso papel rosa, dirigiu-se á loja de um ourives seu freguez e comprou um rico collar d'ouro, uns brincos grandes e um cachucho, que fazia luzir o olho a todos os soldados da guarda municipal, e arrumou tudo dentro da caixa.

Em seguida recolheu aos seus penates e conseguiu subir ao seu escriptorio sem que olhos profanos ousassem devassar os segredos d'aquella boceta mysteriosa.

Conseguiu o brazileiro encontrar-se a sós com a Laura n'aquelle dia e descrever-lhe as maravilhosas cousas que abrigava na caixinha d'amendoas para ella, mas só lh'as entregava com uma condição—a de as levar elle proprio ao quarto d'ella pela noite alta, depois de estar a esposa bem ferrada no somno e a dormirem todas as pessoas do palacio.

A's objecções, fracas, da rapariga, elle, fusilante de paixão, respondia-lhe que necessitava regularisar as cousas, combinar com ella planos de futuro, fazel-a feliz e a si um homem ditoso; sair d'aquelle inferno. Que não fosse tola, já tinha edade de pensar. A mocidade passa depressa, e depois ficava-se a fazer cruzes na bocca.

Ella reflectiu profundamente n'um minuto, como só o sabem fazer as mulheres n'estas alturas.

Elle espiava-a ancioso, procurando ler-lhe na physionomia agitada o resultado da lucta espiritual entre a dignidade e a cobiça.

Venceu este ultimo sentimento, porque a carne é fraca. As joias são a eterna perdição da mulher. Não foi uma novidade o que escreveu Goethe.

*

A's doze horas da noite, á hora dos fantasmas, o brazileiro, sentindo resonar poderosamente a sua consorte no leito fronteiro ao seu, levantou-se surrateiramente e enfiando o seu robe-de-chambre azul com dragões amarellos, e calçando os seus mysteriosos sapatos d'ourelo, que davam uma côr tão local áquella casa onde resoavam constantemente os gritos dos papagaios e saguins, arrancou para a porta do aposento, desapparecendo no corredor.

Havia duas escadas differentes para subir ao andar superior, onde estavam os quartos das creadas brancas e de côr. Como havia quartos em grande numero, cada creada tinha o seu. Foi este o motivo porque o apaixonado brazileiro pediu a entrevista á Laura. Tomou elle pela escada de serviço interior e n'um minuto subiu ao segundo andar, mas encontrou fechada por dentro a porta que abria para o corredor. Afogou uma praga capaz de fazer baixar os olhos a um preto de Minas, e desceu. Percorreu novamente em todo o seu comprimento a galeria do primeiro andar, penetrou na escada principal e subiu o lanço do segundo andar encontrando por este lado as portas todas abertas; mas esta singularidade não o poz de sobre aviso, porque não ha ninguem mais cego do que os namorados.

Todas estas correrias levaram lhe um bom quarto de hora, porque andava com extremo cuidado. Mergulhando afinal nas sombras do corredor do segundo pavimento, temia não atinar com a porta do quarto da Laura, mas a previdente rapariga, sem duvida adivinhára a sua hesitação, porque no momento em que elle passava em frente da sua porta, viu destacar-se no umbral a *silhouette* de uma saia e corpete branco de mulher. Avançou resolutamente, e agarrou-lhe n'um braço; a sombra recuou vivamente para o interior do quarto, resoou logo um beijo, dois, tres, soffregos, devorantes, e em seguida uma espantosa bofetada e um grito de dor.

CAPELLA DE S. JORGE

Um candieiro de petroleo, acceso como por encanto, illuminou em seguida uma scena estranha.

No meio da casa, em saias brancas e mais imponente do que nunca, ostentava-se a brazileira D. Antonia, com a inseparavel luneta d'ouro na ponta do nariz, vermelho de colera. Na frente d'ella, recuando até á porta, transido de pavor, vendo-se-lhe as ceroulas pela abertura do chambre, e com a famosa caixa de amendoas na mão crispada, estava o commendador, com os cabellos em pé.

No quarto, nem sombra de Laura.

Como explicar este mysterio?

Tinha sido a outra creada de quarto, invejosa, para a qual Laura não tinha segredos, que fôra prevenir a patroa.

Abril—1886.

José Maria da Costa.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada 35, Lisboa